

N. CLASS.	M.080.4
CUTTER	S5866
ANO/EDIÇÃO	2017

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO
DOUGLAS ANTÔNIO DE PÁDUA DA SILVA

CONGADA: a mercantilização da festa em Jesuânia

Varginha
2017

DOUGLAS ANTÔNIO DE PÁDUA DA SILVA

CONGADA: a mercantilização da festa em Jesuânia

Relatório apresentado ao curso de Comunicação Social –
Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas –
UNIS/MG como pré-requisito para obtenção de grau de
bacharel, sob orientação da prof^a. Dra. Flaviane Faria
Carvalho.

**Varginha
2017**

DOUGLAS ANTÔNIO DE PÁDUA DA SILVA

CONGADA: a mercantilização da festa em Jesuânia

Relatório apresentado ao curso de Comunicação Social –
Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas –
UNIS/MG, como pré-requisito para obtenção de grau de
bacharel pela Banca Examinadora composta pelos
membros:

Aprovado em 27/11/2017

Flaviane Faria Cavalho
Prof. Flaviane Faria Cavalho

Rafael de Almeida Moura
Prof. Rafael de Almeida Moura

Gisele Cristina Nishiyama
Prof. Gisele Cristina Nishiyama

OBS.:

Dedico esse trabalho à minha família que me apoiou na escolha da comunicação. À minha mãe Wanda Aparecida, que encontrou soluções para os dias mais turbulentos e lutou de diversas maneiras para que pudesse realizar esse sonho. À minha vó Fátima, que dedicou por quatro anos ao meu estudo, serei eternamente grato. Meus amigos que sempre disseram para que eu nunca perdesse a essência da alegria e da humildade e ao meu pai Carlos Roberto que, acredito que de algum lugar, ora e torce por mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial à senhora Tereza Vita Maciel e Maria Aparecida Vita Maciel, por me contarem a história da Congada em Jesuânia e por estarem sempre dispostas a lutar pela preservação da manifestação no município. Aos congadeiros, obrigado pela permissão de utilizar imagens para registrar essa cultura em nossa cidade. Agradeço a Célia Marcelino pela nossa tarde rica em história e cultura. Ao capitão Tião Grilo que luta para manter os ternos vivos na festa. Não posso deixar de agradecer à Ana Paula, Cleiton, Daniele, Thiago, Thais por terem sido os melhores companheiros nestes quatro anos. Agradeço a Rebeca Kaus por toda a ajuda no início desse projeto. E agora em especial à minha orientadora Flaviane Faria Carvalho por aceitar esse desafio em um momento que o trabalho já estava sendo desenvolvido, não tenho palavras para te agradecer, obrigado por ser minha professora e amiga. Obrigado pelos puxões de orelha no português e obrigado por ver em mim a capacidade de realizar esse projeto. A Deus toda minha honra e glória.

“Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos” Isaac Newton.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo avaliar a festa religiosa Congada na cidade de Jesuânia em Minas Gerais. O cenário capitalista modificou muitas estruturas simbólicas culturais, fato que motivou a análise desde o surgimento da festa até a sua adequação aos dias atuais. É de suma importância refletir como essa cultura é importante para o município e para o cenário brasileiro, ressaltando as interferências socioculturais na tradicional festividade. O estudo se deu através da pesquisa de campo, sendo a cidade de Jesuânia o ponto central. Para tal pesquisa, foram feitas entrevistas com personalidades congadeiras do município, permitindo perceber o quanto a manifestação se tornou mais um espetáculo do que a reflexão de sua importância para o cenário cultural brasileiro, originando um produto final, formato documentário.

Palavras-chave: Congada. Mercantilização. Jesuânia.

ABSTRACT

This work aims to evaluate the Congada's religious feast in Jesuânia, Minas Gerais. The capitalist scenario has modified many symbolic cultural structures, a fact that has motivated the analysis from since the feast appearance until its adaptation to the current days. It is extremely important to reflect how this culture is important for the city and the Brazilian scenario, it's emphasizing the sociocultural interferences in the traditional feast. The study was done through field research, which Jesuânia is being the research center. For this research, interviews with important people related to the fast of the city were made, it is allowing to realize how much the manifestation became more a spectacle than the reflection about its importance for the Brazilian cultural scenario, this has originated a final product as documentary format.

Keywords: *Congada. Massification. Jesuânia.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 DA CULTURA À CULTURA POPULAR.....	11
2.1 Cultura erudita.....	13
2.2 Cultura de massas.....	13
2.3 Cultura popular.....	14
3 AS RELAÇÕES ENTRE IDENTIDADE E PATRIMÔNIO.....	16
3.1 O processo de construção da identidade.....	16
3.2 Patrimônio e sua relação com a identidade.....	17
4 A MERCANTILIZAÇÃO DA TRADIÇÃO HOJE.....	20
5 CONGADA: origem e desenvolvimento no Brasil.....	22
5.1 O catolicismo e o sincretismo religioso.....	23
6 MATERIAL E MÉTODO.....	25
7 CONGADA EM JESUÂNIA: características do culto.....	26
7.1 História da Congada em Jesuânia.....	26
7.2 Personagens principais.....	27
7.3 Levantamento do mastro.....	28
7.4 Terno de congo.....	29
7.5 Coroação.....	30
7.6 Mudanças na estrutura.....	31
8 O DOCUMENTÁRIO COMO FORMA DE REGISTRO E PRESERVAÇÃO DA TRADIÇÃO.....	33
9 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO DA FESTA DO CONGADO EM JESUÂNIA.....	35
9.1 Roteiro.....	35
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS.....	42

1 INTRODUÇÃO

A Congada é uma manifestação cultural que ocorre em alguns estados brasileiros. Considerada um patrimônio imaterial e uma cultura popular, sua história no Brasil advém da colonização e das migrações culturais de outros países. Hoje considerada uma festa, em determinadas regiões, a Congada apresenta louvores aos santos protetores, como São Pedro, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

A tradicional festa esteve sujeita a mudanças, assimilando espetáculos advindos da cultura de massa presente no cenário capitalista. Diante desse processo de adequação ao capitalismo, várias manifestações, louvores e tradições não são mais praticados em algumas cidades do interior do sul de Minas. A partir dessas ocorrências é que será possível observar as mudanças das práticas da Congada na cidade de Jesuânia, Minas Gerais, que é o ponto de estudo desse projeto.

O meio acadêmico possibilitou novas visões sobre o fazer jornalístico, principalmente ao trabalhar com fatos em que serão lidados diretamente com personagens e com a cultura na qual estão inseridos.

A Congada está presente no cenário cultural brasileiro e é de suma importância preservar suas práticas, resguardando a história de um local e principalmente registrando fatos da cultura no país. O estudo de uma cultura visa aperfeiçoar e compreender suas ações em um determinado ambiente, além de compreender como essa manifestação caracteriza uma identidade.

Em meio a mudanças no cenário econômico, político, religioso, a tradicional Congada precisou se adequar a novas maneiras de se expressar, adotando novos modos de representação, e não mais utilizando alguns de seus louvores.

Aproximar o olhar, através de relatos de personagens importantes, para a continuidade da manifestação cultural, é a forma mais fiel para resgatar e refletir sobre os hábitos deixados de lado e a mudança em seu círculo cultural.

Se o jornalismo é investigação, apresentar uma cultura e analisá-la é registrar fatos que posteriormente poderão resultar em novas pesquisas e novas discussões. É trabalhar novas referências e métodos de estudo. Além de toda compreensão exigida por parte do pesquisador, a proposta consiste em registrar em texto e vídeo para fomentar a história da cidade com um material rico em informações, considerando o trabalho jornalístico no âmbito cultural.

A mudança da administração da festa, que era feita pelos reis e rainhas, para a área administrativa da cidade é também um dos problemas em relação às mudanças na sua representatividade.

Para realizar tais análises, será preciso identificar como essa manifestação se enquadra nos aspectos culturais populares, diferenciando das culturas eruditas e cultura de massa.

2 DA CULTURA À CULTURA POPULAR

Definir cultura é um grande desafio devido à sua complexidade. Esse termo, plausível de tantos estudos, apresenta abordagens que vão desde sua origem etimológica, passando pela Antropologia, até ser finalmente estudada e aplicada através das Ciências Sociais, tornando-se importante para a sua compreensão em meio às várias práticas sociais.

O conceito de cultura foi explorado ao longo dos anos, por conta de sua abrangência. Um desses estudos evidencia quando o termo era voltado ao cultivo antes mesmo de ser empregado por antropólogos e sociólogos. “A palavra ‘cultura’ deriva do verbo ‘cultivar’ referente à lavoura da terra” (HOFSTEDE, 1991; TROMPENAARS, 1994 apud PAIVA; RICCI; OLIVEIRA, 2012, p. 2).

Todavia, o processo de herdar hábitos e costumes tornaram os estudos sobre cultura mais precisos e de maior análise. Para não se cometer o erro de fazer avaliações precipitadas acerca das ações cotidianas desses grupos, é preciso encontrar um conceito mais específico e adequado, para que se possa compreender e diferenciar as várias abordagens possíveis.

Apesar de um longo período destinado ao entendimento etimológico, o conceito precisou se adequar quando antropólogos perceberam que cultura poderia, também está associada a aspectos de convivência e formação social. Essa área do estudo compreende a cultura através das ações do homem em seu determinado espaço de expressão.

[...] o conceito antropológico do termo cultura como conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social; e, ao mesmo tempo abandonar o conceito mais restrito, pelo qual cultura é apenas o mundo da produção escrita provinda, de preferência, das instituições de ensino e pesquisa superiores (BOSI, 1992, p. 319).

A Antropologia tenta mostrar a evolução do homem em se adequar a um meio para a sua sobrevivência. Mas não somente a isso, ela compreende vários aspectos socializantes dos indivíduos, como sustenta Childe:

A concepção de cultura do antropólogo não difere, em gênero, da concepção do arqueólogo, embora seja muito mais ampla. Compreende todos os aspectos do comportamento humano que não constituem reflexos ou instintos inatos. É tudo o que o homem obtém com a educação, com a sociedade de seus semelhantes, e não aquilo que lhe vem da natureza ou do meio sub-humano. Incluiu a língua e a lógica, a Religião e a Filosofia, a Moral e as leis, bem como a manufatura e o uso de instrumentos, roupas, casas e até a escolha da comida. Tudo isso o homem aprende com seus companheiros de sociedade (1961 apud CUNHA, 2000 p. 23).

As práticas sociais se diferem muito umas das outras, por isso é preciso observar os vários costumes para que seja possível definir, em meio a vários conceitos, em qual âmbito se enquadra melhor cada manifestação. Essa percepção se torna importante ao analisar a cultura pelo conceito sociológico, que busca a reflexão do papel do homem com a sociedade. “Se a sociologia busca uma reflexão acerca do homem e a sociedade, a etnologia vai buscar respostas à questão da diversidade humana dentro da unidade que herdou da filosofia e do iluminismo” (CUNHA, 2000, p. 27).

Ao se permitir seguir hábitos, o homem começa a se comunicar através de aspectos socializadores que vão ao encontro de seu estilo de vida. Para a análise desses grupos sociais é preciso definir, muitas vezes, o que vem a ser a cultura erudita, cultura de massas e cultura popular, que será, através do estudo sociológico, o mais utilizado nesta pesquisa. Mas antes de tocar nessa questão, é essencial definir o conceito de cultura segundo a visão de Raymond Williams.

Williams percebe a cultura após a revolução industrial, questionando acerca da diferenciação entre erudito, massa e popular. Através desses aspectos industriais fomentados e disseminados, a cultura para ele é compreendida como um *modo de vida*.

Entender ‘cultura’ como ‘todo um modo de vida’ é aspecto realçado pela antropologia e sociologia deste século e Eliot, como todos nós, foi afetado pelas duas disciplinas. [...] O desenvolvimento da antropologia social tendeu a herdar e a consubstanciar modos de considerar uma sociedade e uma vida cotidiana que tinham sido elaboradas a partir da experiência geral do industrialismo. A ênfase num ‘sistema geral de vida’ é contínuo, desde Coleridge e Carlyle, mas o que era um julgamento pessoal de valor tornou-se método intelectual generalizado. [...] A ênfase que Eliot pôs na cultura como um sistema geral de vida é, pois, útil e significativa, como igualmente significativo é que, tendo-a adotado, assim se estenda sobre ela (ELIOT, 1939 apud WILLIAMS, 1969 apud CUNHA, 2000, p. 40).

Essa exploração do termo por Williams e Eliot evidencia que limitar as culturas em termos afeta diretamente as suas particularidades ou reduzem em especialismos de elites que tentam classificar por classes os modos de vidas dos grupos sociais. Entender essas particularidades são essenciais para compreender que a cultura é uma prática ordinária¹ em que todos os grupos sociais apresentam formas de vida e não se limitam em se expressar. Ou seja, as práticas de determinados grupos são consideradas cultura por suas particularidades próprias, sendo assim modos de vida, mesmo algumas sendo inseridas no patamar de erudita e popular, o que será brevemente explorado nos próximos capítulos.

¹ Prática constante.

2.1 Cultura erudita

Quando não se fala em aspectos populares, que são passados por gerações, principalmente pelos extratos mais pobres, mas sim de uma herança voltada à universidade, a modos da academia letrada, a análise diz respeito à cultura erudita.

A cultura erudita visa sustentar uma visão conservadora nacional. Por apresentar um sistema de tradicionalismo, ela não deixa o popular de lado, mas sim, aproveita de alguns dos seus elementos para se reinventar, a fim de confrontar o popular.

Se pelo termo *cultura* entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades) [...] (BOSI, 1992, p. 309, grifo do autor).

Assim, observar a cultura erudita através de seus aspectos conservadores é poder dizer que ela se enquadra em questões de setores privilegiados. “Podemos reconhecer a cultura universitária como um setor privilegiado, isto é, protegido e incrementado quer pelos grupos particulares, que dele fazem um investimento, quer pelo Estado, que arca, no Brasil, com boa parte do ônus da instrução superior” (BOSI, 1992, p. 310).

Em meio aos processos eruditos e de elite, através do avanço das tecnologias e novas formas de consumo, uma nova cultura foi criada, a cultura de massas, na qual através das exibições e disseminações nos meios convencionais de comunicação, apresentam uma nova forma de agir e configurar em novas práticas.

2.2 Cultura de massas

Quando pensamos em globalização, é possível observar as várias mudanças no contexto social pós-revolução industrial. Além de uma aproximação cultural, a globalização também afasta as maneiras de analisar e confrontar o que está sendo mostrado.

Num contexto de indústria, no qual o mercado comanda todo o sistema, é mais fácil não questionar o que está sendo oferecido do que voltar-se contra algo que vai interferir profundamente no posicionamento ideológico dos novos grupos sociais.

[...] numa visão mercadológica a cultura é relacionada às agendas de arte e espetáculos. No âmbito antropológico, ela é o que difere do padrão social. Essas duas visões refletem a limitação e estreitamento da concepção de cultura numa abordagem midiática contemporânea, a qual apenas considera como cultural os espetáculos e

manifestações culturais locais, não se apropriando da cultura erudita, da cultura popular, da cultura em sua totalidade (PIMENTEL, 2012, p. 1).

O mercado vende sonhos através dos grandes espetáculos que são impostos nos meios de comunicação e na publicidade. Os signos comandam as novas comunicações e com isso é criada uma nova cultura, cultura das massas. “Não se deve esperar da cultura de massas e, menos ainda, da sua versão capitalista de indústria cultural, o que ela não quer dar: lições de liberdade social e estímulos para a construção de um mundo que não seja atrelado ao dinheiro e aos *status*” (BOSI, 1992, p. 322).

Perante essas apresentações do erudito e da cultura de massa, o popular se torna uma cultura a ser levada em consideração pela sociologia. Suas práticas se originam pelos costumes herdados por grupos mais pobres e suas trajetórias em meio a cenários folclóricos e migratórios.

2.3 Cultura popular

Porém, ao observar que a cultura erudita é mais voltada aos letrados e a cultura de massas ao cenário capitalista, é preciso observar as ações populares, o início da comunicação e como ela se torna cultura popular.

Diante das mudanças sociais, os grupos criaram suas próprias ideologias para se relacionarem, e os grupos populares, através do convívio e das situações vividas no passado, começaram a transformar e criar o aspecto cultural popular no cenário não só brasileiro, mas mundial de cultura popular.

No caso da cultura popular, não há uma separação entre uma esfera puramente material da existência e uma esfera espiritual ou simbólica. Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras *tabus*, os *eufemismos*, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar [...] (BOSI, 1992, p. 324).

O Brasil, país miscigenado, apresenta muitas culturas que foram herdadas da colonização. A história do negro no país, as músicas, o carnaval, as tradicionais festas religiosas, são maneiras de observar como a cultura popular se faz presente no cenário brasileiro. Além disso, muitas dessas culturas acabaram se tornando folclore graças ao trabalho de grandes autores e pesquisadores.

Não se deve esquecer também dos grupos que já viviam no País, antes mesmo da colonização e exploração das riquezas. Os índios são realmente a verdadeira cultura popular brasileira, sua luta pelo seu espaço e suas formas de se proteger, alimentar e viver.

Diante das possíveis abordagens dessas culturas, é possível agora perceber as relações entre identidade e patrimônio. Como a cultura de massas, a erudita e a popular criam identidade para os seus grupos e como a cultura popular se torna patrimônio imaterial nos contextos apresentados, são aspectos a serem explicitados nas páginas seguintes.

3 AS RELAÇÕES ENTRE IDENTIDADE E PATRIMÔNIO

É somente depois do processo de socialização que o indivíduo começa a reproduzir o que lhe foi passado. É através dessa dinâmica que novas histórias, novos projetos, novos modos de viver vão surgindo.

Mediante processo de socialização, o homem começa a lidar com as formas de interação e a produzir e reproduzir suas próprias ideologias. Essa produção faz com que os indivíduos se diferenciem de outros, tornando as questões de identidade um fator de análise nas culturas.

A fim de propor uma comunicação e procurar o bem comum do grupo, os envolvidos nessas práticas culturais se apresentam como reprodutores e fortalecem a dinâmica da coexistência para o contexto social, sendo um dos fatores das expressividades humanas. “Uma das conquistas teóricas do marxismo foi ter descoberto que é nas práticas sociais e culturais, fundamente enraizadas no tempo e no espaço, que se formam as ideologias e as expressões simbólicas em geral” (BOSI, 1992, p. 194).

Falar das relações de identidade e patrimônio no Brasil se torna um desafio muito grande, principalmente ao levar em consideração as formas políticas e econômicas que desenvolveram a criação de uma identidade brasileira. Há uma problemática ao perceber a economia escravista como cultura até observar o mercado pós-revolução industrial

No caso da problemática do nacional na história da cultura brasileira do início do século XX, foram certas teorias sociais e certas teorias da cultura que se revelaram adequadas à teorização sobre a identidade nacional numa época de transição (de uma economia escravista para uma economia industrial, à base de mão-de-obra imigrante) e com um Estado ainda não consolidado (LOPES, 2005, p. 48-49).

Após observar que os indivíduos criam suas identidades para se comunicar e representar essa comunicação no cotidiano, é importante ressaltar a sua relação com o patrimônio, o que se quer e deseja preservar, pois além da comunicação entre esses indivíduos, para a sociedade em geral, essa identidade se torna cultural. As análises de identidade e patrimônio são essenciais para sua proteção.

3.1 O processo de construção da identidade

A construção de uma identidade está ligada a questões de contextos sociais na qual um indivíduo está inserido. Isso porque é da natureza humana se comunicar e buscar maneiras de interagir com aquele meio. Ou seja, a identidade seria um

processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados (CASTELLS, 2008 apud SANTINELLO, 2011, p. 156).

Contudo, o estudo da identidade pode variar durante o tempo. As novas formas de distribuição de cultura, perante cenário capitalista, se diferem da maneira como a identidade era destinada antigamente, por grupos populares ou familiares. Por conta dessa construção gradual da identidade e as mudanças nos contextos sociais, ela também pode ser vista através de uma complexidade de conceitos. Isso ocorre porque:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possível, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente (HALL, 2006, apud SANTINELLO, 2011, p. 156-157).

Voltando ao conceito de cultura como o conjunto das práticas e valores que são passados pelos antepassados às novas gerações, é preciso observar a criação de uma identidade existente nesses meios como forma de condução das mensagens e organização, porque a “A identidade cultural constitui-se em ter os próprios valores culturais” (PAIVA; RICCI; OLIVEIRA, 2012, p. 2).

A criação de uma identidade, hoje, observado também os aspectos econômicos, é analisada de maneira plural, na qual pode se relacionar com as interações entre as culturas.

Sobre a cultura brasileira, Bosi (1987) afirma que ela não é unitária ou homogênea, ela tem caráter plural. A identidade nacional é resultado de um processo de interações entre cultura popular, de massa e erudita, e também entre culturas ibéricas, indígenas, africanas e migrantes (italiana, alemã, siria, judaica, japonesa, norte-americana) (PAIVA; RICCI; OLIVEIRA, 2012, p. 2).

Diante disso, o reconhecimento da identidade nacional deve ser plural, um fator essencial para poder observar como esse conceito se relaciona com as formas de patrimônio, que são aspectos criadores e valorizados pelos seres humanos.

3.2 Patrimônio e sua relação com a identidade

Ao analisar como a identidade se faz presente nas formas de interação entre os indivíduos, é preciso também transformar certas culturas em patrimônio. A partir da concepção

do plural supracitado, as análises sobre patrimônio e o imaterial se tornam fundamentais para o resgarde e reprodução de práticas cotidianas. Mas como pode ser definido esse termo?

Atualmente, sabemos que patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar. É considerado como o conjunto dos monumentos e das obras de arte, das imagens dos santos, dos utensílios, das ferramentas, dos engenhos. Por outro lado, inclui também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas e os saberes. Tudo, enfim, que produzimos com as mãos, com as ideias e com os sentimentos. Entretanto, este conceito foi construído ao longo de vários séculos (BRETAS; FROTA, 2012, p. 30).

A discussão precisa ir além da valorização das práticas que devem ser preservadas, investigando o porquê da necessidade de preservá-las. Neste contexto, torna-se oportuno discutir as ideologias criadas por esses grupos socializadores.

Através do popular, o ser humano se comunica e reproduz a sua história diante do processo comunicacional criado pelo seu grupo. Pode-se observar muito disso na cultura popular. A cultura erudita também apresenta formas de patrimônio através da sua dialética e da sua alfabetização letrada. Já a cultura de massas se torna apenas reprodutora de simbologias que geram novos desejos. Por isso, é essencial ter o cuidado de se definir e diferenciar as culturas para observar como elas fomentam as suas identidades e como elas relacionam com o patrimônio.

A definição de patrimônio imaterial pela Unesco é uma forma de diferenciar as culturas, abrindo espaço valioso para evidenciar o popular diante de toda a classe dirigente.

A UNESCO define como patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Ele é transmitido de uma geração para outra e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história (BRETAS; FROTA, 2012, p. 31).

Contudo, só a valorização em patrimônio não se torna suficiente para registrar e preservar as ricas histórias brasileiras e suas representações nos quatro cantos do país. Isso porque a globalização se tornou uma maneira de massificar os hábitos através da grande carga simbólica que a cultura de massas difunde através dos meios de comunicação convencionais e da forma que o século atual prestigia esses grandes espetáculos, tornando um risco para as culturas mais pobres, fazendo com que elas percam grande parte de sua identidade.

Segundo Carvalho (2005), um fato positivo da globalização é a diminuição das distâncias entre os povos. Porém, ao mesmo tempo, está sendo criado outro fato que

pode se tornar perigoso, que é a perda da identidade cultural dos povos e a massificação dos hábitos e costumes (PAIVA; RICCI; OLIVEIRA, 2012, p. 1).

A criação de uma identidade significa se relacionar e proteger essas maneiras de agir e ver a vida se tornam importantes no resguardo de uma história, tanto para o local como nacional, por isso a relação entre o patrimônio e a identidade. Porém, as mercantilizações das tradicionais manifestações interferem na manifestação e na identidade que será reinserida nas novas práticas sociais.

4 A MERCANTILIZAÇÃO DA TRADIÇÃO HOJE

O mercado de bens culturais no Brasil se tornou homogeneizado, a partir da aplicação de fatores simbólicos pelos meios de comunicação de massa e publicidade, levando assim tradições importantes a formarem novos hábitos de consumo e de arte.

A indústria cultural estimulou as ideologias de poder, integrando aspectos culturais nos produtos simbólicos a serem fabricados e distribuídos. Esses aspectos são estimulados e atualizados para satisfazer os prazeres dos indivíduos que, de alguma forma, alienaram-se nestes novos processos de comunicação. Essas mudanças colocam a cultura popular em outra discussão, entre elas as formas que as festas populares, hoje, utilizam para se fazerem presentes no cenário atual. O popular e o erudito propõem reflexões duras perante os processos de sua criação e utilização. Pelo fato de os produtos culturais se tornarem mais satisfatórios do que a própria cultura e de mais fácil compreensão, as pessoas tendem a aceitá-la sem ao menos questionar o que está sendo imposto.

A indústria cultural fixa de maneira exemplar a derrocada da cultura, sua queda na mercadoria. A transformação do ato cultural em valor suprime sua função crítica e nele dissolve os traços de uma experiência autêntica. A produção industrial sela a degradação do papel filosófico-existencial da cultura (MATTELART; MATTELART, 2005, p. 78).

O contato com as novas formas de distribuição da cultura fez com que as tradições tomassem novos rumos e práticas. Essa mudança pode ser vista principalmente em tradições religiosas que hoje precisam se manter através dos espetáculos impostos pelo mercado. Tudo isso ocorre devido à autonomia de um grupo ser deslocada para outro. Segundo Lopes, "A fraqueza das instituições socializadoras tradicionais (família, escola), aliada à crescente reificação da cultura capitalista, torna a Indústria Cultural o principal aparelho ideológico da sociedade contemporânea" (LOPES, 2005, p. 60).

O folclore é o maior berço cultural brasileiro, pois apresenta as danças, os cânticos, o oratório de um povo passado de geração em geração. Perder essa essência é deixar um capítulo em aberto na história da cultura brasileira. Bosi comenta sobre a questão das lições que a cultura de massa se recusa ensinar: "Não se deve esperar da cultura de massas e, menos ainda, da sua versão capitalista de indústria cultural, o que ela não quer dar: lições de liberdade social e estímulos para a construção de um mundo que não esteja atrelado ao dinheiro e ao status" (BOSI, 1992, p. 322).

A apropriação cultural pela produção em massa se tornou um meio de discutir e fomentar o quão importante a cultura popular se faz para o cenário nacional. Devido à sua raiz impalpável, o popular se torna patrimônio imaterial², tornando necessário observar não só o contexto atual, mas a colonização e as formas de interações entre os indivíduos.

A cultura popular pertence, tradicionalmente, aos estratos mais pobres, o que não impede o fato de seu aproveitamento pela cultura de massa e pela cultura erudita, as quais podem assumir ares popularescos ou populistas em virtude da sua flexibilidade e da sua carência de raízes (BOSI, 1992, p. 326).

Através deste estudo pode-se observar como utilizaram das raízes culturais de culturas populares para potencializar os aspectos econômicos e ideológicos atuais, fazendo com que a sua manifestação perdesse o seu espaço. Isto evidencia como a mercantilização da tradição se torna eficaz e como os indivíduos populares são influenciados a usufruírem das novas práticas para a tradição se manter vívida. Essa percepção poderá ser vista no estudo da Congada no Brasil e especificamente na cidade de Jesuânia, Minas Gerais.

² O que é transmitido de geração em geração.

5 CONGADA: origem e desenvolvimento no Brasil

Foi através da colonização que muitas práticas e muitas formas de expressão chegaram ao Brasil. Diante das inúmeras manifestações culturais disseminadas em todo país, há uma forte tradição popular que se faz presente até os dias atuais: a Congada.

Os seus elementos no Brasil vêm da unificação entre a luta escravocrata e a fé catolicista. Essa forma de expressão é classificada de diversas maneiras, como uma dança, um culto, misticismo, entre outros elementos que são definidos perante as práticas em determinadas regiões.

O congado tem uma origem luso-afro-brasileira, uma vez que o catolicismo de Portugal forneceu os elementos europeus da devoção à Senhora do Rosário, a Igreja no Brasil reforçou essa crença, enquanto os negros, de posse desses ingredientes, deram forma ao culto e à festa (GOMES; PEREIRA, 2000 apud SANTOS, 2011, p. 23).

A Congada pode ser definida como uma cultura popular que resguarda aspectos simbólicos de uma luta, um desejo, um momento histórico que influenciou as maneiras como os indivíduos agem e observam a vida.

A tradicional Congada é reconhecida nacionalmente, e em diversos pontos do Brasil é possível observar as suas interpretações de uma época que deixou marcas profundas na memória social das pessoas.

Essa manifestação não pode ser reconhecida somente de forma reducionista ao folclore e muito menos acreditar que as manifestações são iguais em todas as regiões. Cada família congadeira, cada participante dessa antiga e atual manifestação, mostra um certo valor³ e uma riqueza diferente. Isso porque as formas como a Congada se manifestam, hoje, se reduz muitas vezes ao espetáculo ao invés da interpretação.

Hoje, a congada, inserida numa visão reduzida ao folclore brasileiro, às vezes só é vista e tratada como manifestação cultural a ser preservada pelos órgãos públicos, de turismo ou simpatizantes da cultura. Esse olhar reducionista não traduz a realidade dolorosa da escravidão, que tem consequências até hoje no que diz respeito à cidadania plena do negro no contexto cultural, político, econômico e social do Brasil (SANTOS, 2011, p. 13).

No Brasil ela foi se desenvolvendo periodicamente e teve como suporte a religião católica, fazendo com que os santos se tornassem os grandes protetores dos praticantes dessa cultura. A adoração se faz presente especialmente para São Pedro, São Benedito, Nossa Senhora

³ Valor neste contexto significa as formas de expressão do grupo, como suas manifestações.

do Rosário e Santa Efigênia. Cada santo apresenta uma história diferente que faz com que os grupos congadeiros mantenham a adoração através das narrativas advindas da escravatura.

Geralmente, de junho a outubro, são realizadas em alguns estados brasileiros as famosas festas do congo⁴. Por mais que ela seja conhecida nacionalmente, suas práticas são mais observadas no estado de Minas Gerais. “Os fenômenos das Congadas acontecem no Norte do Brasil, Centro-sul e em diversos estados do Nordeste, mas é no Sudeste brasileiro que sua prática foi mais difundida, sobretudo em Minas Gerais” (SANTOS, 2011, p. 23).

Diante do processo de assimilação da cultura com a fé católica é importante ressaltar como o sincretismo religioso se faz presente nesta manifestação, apresentando a sua estrutura que pode ser reconhecida nos locais onde ocorrem as tradicionais festas.

5.1 O catolicismo e o sincretismo religioso

O catolicismo catequisou os grupos sociais brasileiros e os grupos imigrantes que foram trazidos para cá. Diante da observação dessas adorações o sincretismo religioso começou a fazer-se presente neste cenário congadeiro. Isso porque a relação se dá através da fusão de relações religiosas desses países, Brasil e África. Por meio do sincretismo e da imensidão da igreja católica no Brasil foi que a Congada se instituiu, também, como uma manifestação religiosa no país.

[...] um sistema religioso que se institui entre os sistemas religiosos cristãos e africanos, de origem banto, através do qual a devoção a certos santos católicos (Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora das Mercês) é exercida por meio de performances rituais de estilo africano. ‘Surge assim, o sincretismo religioso, como forma de manter os cultos de suas divindades agora representadas por nomes de santos portugueses, camuflando a permanência dos rituais religiosos de origem (GÓIS, 2008 apud BRETAS; FROTA, 2012, p. 34).

A congada se torna popular por essa maneira de se manifestar a fé e a experiência do homem com a história e os mitos das aparições dos santos. “O mito fundacional da Congada diz que durante a escravidão, Nossa Senhora apareceu na água, senhores e escravos organizados em grupos separados cantaram e dançaram para resgatá-la, mas apenas os negros mais velhos e experientes conseguiram retirá-la” (SILVA, 2014 p. 4).

Geralmente, é possível observar que a maioria dos congadeiros, dançarinos e batuqueiros são compostos por pessoas negras. As danças, os cânticos, as expressividades

⁴ Congo e Congada são termos expressados com o mesmo significado pelos familiares congadeiros da cidade. As duas formas, segundo pesquisa, estão corretas.

sustentam a cada ano da festividade essa releitura da luta pela liberdade e o fim da escravatura. “Percebemos que a celebração do Congado é uma forma de se reverenciar a situação ocorrida naquela narrativa, para preservar a memória de uma circunstância considerada gloriosa para os negros” (BRETAS; FROTA, 2012, p. 38).

Porém, devido às transformações sociais, a Congada precisou se adequar a novas formas de expressão para se manter viva nos novos modos de se representar.

[...] esta manifestação, devido às transformações sociais e culturais esteve sujeita a constantes modificações ou manutenções de suas tradições no decorrer dos anos, passando por um processo de apropriações, similaridades, diferenças e rupturas nas diversas regiões do Brasil (SILVA, 2012 p. 1).

Mesmo diante de algumas mudanças, a sua estrutura geral se intitula com a coroação do Rei e Rainha do Congo, que são as grandes figuras de poder presentes nessa manifestação. A coroação é também vista como uma maneira de interceder, através dos elementos, para o sagrado.

Essas apropriações modificaram os cenários culturais congadeiros. A análise da tradicional Congada na cidade de Jesuânia, sul de Minas Gerais, se tornará o estudo de caso principal das modificações do seu contexto após indústria cultural, apresentando suas formas de arte através do cântico, da dança, das cores e dos louvores.

6 MATERIAL E MÉTODO

Quando se pensa em material e método é preciso identificar como as análises serão feitas em termos de metodologia. É preciso definir para que o autor possa conduzir a sua pesquisa encontrando respostas para o problema proposto inicialmente. A metodologia pode ser definida “como o estudo e a avaliação dos diversos métodos, com o propósito de identificar possibilidades e limitações no âmbito de sua aplicação no processo de pesquisa científica” (DIEHL; TATIM, 2004, p. 47).

A metodologia deste trabalho será a pesquisa descritiva, levando em conta o levantamento bibliográfico, e entrevistas para que se possa estimular a compreensão do fato. A pesquisa descritiva “Tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então o estabelecimento de relações entre variáveis” (DIEHL; TATIM, 2004, p. 54).

O método utilizado será o fenomenológico, que preocupa com a descrição direta da experiência como ela realmente é, portanto, a sua pesquisa é mais voltada a pesquisa qualitativa, ou seja, os estudos qualitativos ajudam a entender as particularidades dos indivíduos. “Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais [...]” (DIEHL; TATIM, 2004, p. 52).

Para tal pesquisa e levantamento de dados, algumas das técnicas utilizadas serão as entrevistas, que são um encontro entre duas pessoas que tem objetivo de obter informações, assim utilizando da entrevista padronizada ou estruturada, na qual o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido (DIEHL; TATIM, 2004, p. 66). Será feito o levantamento de dados com os personagens participantes da Congada, as famílias congadeiras da cidade de Jesuânia, no período de junho a outubro de 2017.

Para evidenciar a maneira pela qual a tradicional festa se modificou, foi preciso pensar num produto final para que possa manter com maior originalidade e fidelidade as ações dos grupos congadeiros. Para tais exposições, o documentário será o formato adotado, a fim de evidenciar por meio de mensagens verbais e não-verbais o contexto histórico dos referidos grupos.

7 CONGADA EM JESUÂNIA: características do culto

Com o objetivo de reverenciar os santos, a festa retrata da maneira mais fiel os cultos. A celebração é seguida por orações, terços, danças, o que deixa cada vez mais visível a importância da sua manifestação para a história cultural do país e da identidade local. “Realizada anualmente, a manifestação cultural Congada tem por objetivo principal louvar seus santos protetores, os “santos dos pretos” como São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora do Rosário” (SILVA, 2012, p. 3).

Diante de um processo de assimilação cultural, é possível observar hoje que as manifestações são representadas, muitas vezes, por indivíduos que não fazem parte do contexto Congada, que não vivenciaram as dores e a história exata dos grupos que se propõem a preservar uma história.

[...] a cultura popular está generosamente aberta a múltiplas influências e sugestões, sem preconceito de cor, classe ou nação. E, o que é rico de consequências, sem preconceito de tempo. A cultura do povo é localista por fatalidade ecológica, mas na sua dialética humilde é virtualmente universal: nada refuga por princípio, tudo assimila e refaz por necessidade. As cheganças e os congos com que, desde o século XVIII até nossos dias, se representam as lutas entre cristãos e mouros sob a égide de Carlos Magno e seus pares são exemplos notórios de sincronia popular (BOSI, 1992, p. 55-56).

As características do culto em Jesuânia são os pontos de estudo para evidenciar como a congada originou uma identidade local no município e observar como as fortes tendências do mercado modificaram a sua estrutura.

Para caracterizar da maneira mais fiel e respeitosa essa cultura, muito do que será apresentado foi baseado na pesquisa de campo e das entrevistas com as famílias congadeiras da cidade. A seguir será apresentado as etapas da realização dos 11 dias da manifestação na cidade.

7.1 História da Congada em Jesuânia

Jesuânia é um município localizado no sul de Minas Gerais e que teve sua emancipação no ano de 1948. Presente também no caminho da Estrada Real, a cidade apresenta, até os dias atuais, manifestações folclóricas e culturais ricas e importantes para o cenário cultural brasileiro. Uma delas é a tradicional festa do Congo, denominada assim pelos moradores.

Não se sabe ao certo a data correta em que iniciou a Congada em Jesuânia, mas nos 69 anos de emancipação da cidade a festa se faz presente. A sua manifestação iniciou no bairro rural do Varjão e depois de alguns anos foi trazida para o centro da cidade, sendo realizada

anualmente na praça do Rosário, com o intuito de louvar Nossa Senhora, que é umas das mais importantes santas do Congado na cidade. “[...] quando o prefeito foi eleito, o primeiro prefeito o Sr. Américo Dias, lá na fazenda dele o povo já dançava o Congo, já tinha a Congada lá. Então ele tinha, ele falou para o meu pai trazer o Congo pra Jesuânia” (Entrevistado 1).

Tradicionalmente a festa ocorria entre os dias 27 a 30 de junho, em homenagem aos santos São Benedito, São Pedro e São Paulo e só participavam das práticas os negros. Atualmente a festa é realizada em torno de 11 dias, iniciando na última sexta-feira do mês de junho.

A estrutura da festa inicia com o levantamento do mastro de São Pedro pela família que fica durante um ano com ele em sua residência. Durante os dias da semana eram realizadas as embaixadas, havia a barraca do rei e rainha que era o que mantinha o orçamento da festa antigamente, e no último domingo da festa é realizada a coroação do rei e rainha do ano seguinte.

A corte, o Rei e Rainha são, até os dias atuais, os personagens mais esperados pela população e pelos congadeiros que fazem o cortejo até o palco da coroação dos reis do próximo ano.

A última ata de reunião data de 1986⁵. Essa ata representa todos os processos da Congada antes da gestão da festa ser passada para os órgãos públicos. O único documento que consta uma lei de preservação da congada data de junho de 2005 feita pela Câmara Municipal de Jesuânia.⁶

7.2 Personagens principais

Durante os 11 dias da festa é possível encontrar pela cidade os personagens que resguardam a história do local. Entre eles temos os ternos de Congo, que são compostos por homens que tocam os instrumentos de corda (violão, viola, bandolim e violino) e batuque (tambores).

As dançarinas fazem parte dos ternos de Congo, as quais encenam coreografias, no ritmo do louvor, comandado pelos grupos congadeiros. Uma delas fica encarregada de dançar e segurar a bandeira do terno⁷.

⁵ Ver anexo A e B

⁶ Ver anexo C ao F

⁷ A bandeira apresenta o nome do terno e o santo a qual o terno é dedicado.

O rei e a rainha da festa comandam toda a preparação da festa, organizando as finanças e recebendo os ternos visitantes.

As famílias mais tradicionais estão presentes nos terços que são realizados durante os 11 dias na igreja do Rosário.

7.3 Levantamento do Mastro

O mastro de São Pedro é o maior símbolo da Congada em Jesuânia. Durante o período de um ano, fica na casa de uma família que é escolhida pela comissão organizadora.

O mastro representa o louvor desses grupos congadeiros aos santos do mês de junho e Nossa Senhora do Rosário e a festa se inicia após seu erguimento. “Ele é a abertura da festa, abre e encerra. A festa começa no dia de São Pedro, dia do mastro que ele levanta, e encerra o dia que ele desce” (Entrevistado 1)⁸.

Dentro do mastro, hoje, há dois santos, São Pedro e São João Batista. Cada santo representa uma história na qual se faz presente na congada. São Pedro, segundo relatos do entrevistado, seria o santo que abre as portas do céu e São João Batista que era o discípulo que batizava.

Antigamente tinha assim, floristas. Floristas é que ajudavam na congada. Então era ramalhetes de flor que você trazia, mas com doação para festa, para Nossa Senhora do Rosário. Dessas doações, aí acrescentou que veio São Pedro. São Pedro que é a chave do céu (Entrevistado 1).

Na tradição, a família que está com o mastro prepara uma celebração antes do cortejo até o seu erguimento em frente à igreja do Rosário. Nesta celebração, durante o dia, é preparado um lanche para dar à população que à noite estará presente no terço.

A história do lanche é assim, você faz a festa. O primeiro dia a festa é sua, quem pega o mastro, então ele dá o que ele quiser. Então estipula, povo dá hoje, mais fácil, pão com molho, antigamente não, antigamente o povo dava, era pau a pique, as quitandas, que eram mais farturentas. Hoje não, hoje modernizou, hoje dá cachorro quente e quantão que é para esquentar o povo, e café. Você pode ver, tem alguém lá na festa que pede, tem um café? (Entrevistado 1).

O início da celebração religiosa começa com a benção do padre ao mastro e aos católicos presentes. Depois, é rezado um terço pela família congadeira para, então esperar pela chegada dos ternos para conduzir o mastro de São Pedro até a igreja do rosário. Na festa também é

⁸ A referência está escrita da forma como foi dita em entrevista. Utilizo desta fidelidade, ao que foi dito, para manter a originalidade do trabalho.

celebrado o São Benedito “Protetor da cozinha e dos cozinheiros [...] A congada tem muita comida [...]” (Entrevistado 1).

O mito de Nossa Senhora do Rosário se faz presente através da sua aparição nas águas. Segundo o relato, somente os moçambiqueiros⁹ conseguiram através da sua dança e cânticos que ela fosse em direção a eles.

Pela fundamentação mítica, as guardas se formaram ainda em África, quando uma imagem de N. Sra. do Rosário apareceu no mar. O grupo do congo se dirigiu para a areia e, tocando seus instrumentos, só conseguiu fazer com que a imagem se movesse uma vez: um movimento rápido, Nossa Senhora se encaminhou para frente e parou. Então vieram os negros moçambiqueiros, batendo seus tambores recobertos com folhas de inhame, cantando para a Santa e pedindo-lhe que viesse para protegê-los. A imagem veio se encaminhando, no movimento de vaivém das ondas, lentamente, até chegar à praia (GOMES; PEREIRA, 2000 apud SANTOS, 2011, p. 26).

Após o seu erguimento, o público presente faz suas promessas aos pés do mastro, elevando suas orações em voz alta. Os ternos de Congada se apresentam separadamente para que todos possam visualizar a suas danças, seus cânticos e eles celebram a presença do reinado presente.

O reinado é um dos componentes do Congado, exatamente aquele que se refere à coroação de reis e à constituição de uma corte. Esse fator: Reinado se tornou muito forte em Minas Gerais, pela atuação das numerosas Confrarias. Nas Irmandades de N. Sra. do Rosário havia os cargos de reis, cuja eleição e funções se regulamentavam através dos compromissos. O costume de se alforriar o rei eleito anualmente no Congado deu grande prestígio à instituição do Reinado, principalmente em Minas Gerais. Embora existissem reis eleitos em outros estados, o Reinado mineiro se marcou pelo fato de ser consequente ao catolicismo de confraria, com forte atuação das Irmandades do Rosário (GOMES; PEREIRA, 2000 apud SANTOS, 2011, p. 32).

Toda a representação da festa é seguida pelos ternos de Congo, que através do cântico e da dança fazem seus louvores aos santos protetores.

7.4 Terno de congo

O terno de Congada, segundo os próprios congadeiros, é constituído por grupos de pessoas que tocam seus instrumentos e encenam coreografias pelas ruas da cidade até chegar aos pés do mastro.

Essas encenações, como é de costume, são feitas através do canto e da dança, representando um contexto vivido, representando um contexto cultural vivido séculos atrás.

⁹ São os senhores da música que cantam a memória da África e dos antepassados. Disponível no site da Unicamp presente nas referências.

celebrado o São Benedito “Protetor da cozinha e dos cozinheiros [...] A congada tem muita comida [...]” (Entrevistado 1).

O mito de Nossa Senhora do Rosário se faz presente através da sua aparição nas águas. Segundo o relato, somente os moçambiqueiros⁹ conseguiram através da sua dança e cânticos que ela fosse em direção a eles.

Pela fundamentação mítica, as guardas se formaram ainda em África, quando uma imagem de N. Sra. do Rosário apareceu no mar. O grupo do congo se dirigiu para a areia e, tocando seus instrumentos, só conseguiu fazer com que a imagem se movesse uma vez: um movimento rápido, Nossa Senhora se encaminhou para frente e parou. Então vieram os negros moçambiqueiros, batendo seus tambores recobertos com folhas de inhame, cantando para a Santa e pedindo-lhe que viesse para protegê-los. A imagem veio se encaminhando, no movimento de vaivém das ondas, lentamente, até chegar à praia (GOMES; PEREIRA, 2000 apud SANTOS, 2011, p. 26).

Após o seu erguimento, o público presente faz suas promessas aos pés do mastro, elevando suas orações em voz alta. Os ternos de Congada se apresentam separadamente para que todos possam visualizar a suas danças, seus cânticos e eles celebram a presença do reinado presente.

O reinado é um dos componentes do Congado, exatamente aquele que se refere à coroação de reis e à constituição de uma corte. Esse fator: Reinado se tornou muito forte em Minas Gerais, pela atuação das numerosas Confrarias. Nas Irmandades de N. Sra. do Rosário havia os cargos de reis, cuja eleição e funções se regulamentavam através dos compromissos. O costume de se alforriar o rei eleito anualmente no Congado deu grande prestígio à instituição do Reinado, principalmente em Minas Gerais. Embora existissem reis eleitos em outros estados, o Reinado mineiro se marcou pelo fato de ser consequente ao catolicismo de confraria, com forte atuação das Irmandades do Rosário (GOMES; PEREIRA, 2000 apud SANTOS, 2011, p. 32).

Toda a representação da festa é seguida pelos ternos de Congo, que através do cântico e da dança fazem seus louvores aos santos protetores.

7.4 Terno de congo

O terno de Congada, segundo os próprios congadeiros, é constituído por grupos de pessoas que tocam seus instrumentos e encenam coreografias pelas ruas da cidade até chegar aos pés do mastro.

Essas encenações, como é de costume, são feitas através do canto e da dança, representando um contexto vivido, representando um contexto cultural vivido séculos atrás.

⁹ São os senhores da música que cantam a memória da África e dos antepassados. Disponível no site da Unicamp presente nas referências.

Todas as etapas dos rituais são permeadas pela música. Como em rituais religiosos africanos, música e danças são essenciais à condução dos rituais, indispensáveis à experiência religiosa. Todos os momentos são, pois, preenchidos pelas vozes e pelos instrumentos, segundo a ordem própria das construções musicais do congado (LUCAS, 2002 apud SANTOS, 2011, p. 25).

Na cidade há três ternos de Congada: o Terno de São Cosme e Damião que é regido pelo capitão Rui juntamente com a participação das crianças da cidade, Terno do capitão Tião Grilo, chamado Terno São Benedito e o Terno do capitão Érick Oliveira chamado União do Rosário. Durante a Congada, muitas pessoas acompanham algum terno para pagarem as suas promessas quando uma benção é obtida.

Porém, além dessas danças e cânticos que remetem o louvor desses adoradores, a manifestação também apresenta a coroação do reinado da Congada.

7.5 Coroação

Celebrada como a maior manifestação da festa, a coroação dos reis e rainhas também se faz presente no contexto cultural. “O Congado representa o ritual. Então eles comandavam, eram os chefes, como se fosse o chefe da nação, o reinado” (Entrevistado 1).

O registro do reinado data de tempos antigos no Brasil e representam os reis como os intercessores ao sagrado, pelos congadeiros.

A coroação de reis do Congo tem registro muito antigo no Brasil, com ocorrência em 1674, em Recife. Esse evento permitindo simbolicamente que os negros tivessem seus reis foi um recurso utilizado pelo poder do Estado e da Igreja para controle dos escravos. Era uma forma de manutenção aparente de uma organização social dos negros, uma sobrevivência que se transformou em fundamentação mítica. Na ausência de sua sociedade original, onde os reis tinham a função real de liderança, os negros passaram a ver nos reis do Congo os elementos intermediários para o trato com o sagrado (GOMES; PEREIRA, 2000 apud SANTOS, 2011, p. 24).

Por mais que a festa seja voltada ao Congo e à religião, o papel de rei e da rainha é muito respeitado na cidade e muitas pessoas desejam ser o rei e a rainha da festa.

Assim, os reis e rainhas são considerados autoridades respeitadas, a quem os ‘ternos’ *prestam homenagens e reverenciam com cortejos, danças, cânticos e toques de tambores*; tudo isso faz parte de compromissos rituais e sagrados com os santos de devoção (BRETAS; FROTA, 2012, p. 36).

Mas esse processo não é simples. Os reis precisam se preparar durante um ano para os folguedos. Ser rei significa ir atrás de recursos que possibilitem evidenciar a cultura no município, como também fazer o convite e o processo de condução dos ternos de cidades

vizinhas, que são convidados para o grande desfile da coroação, realizado no último domingo da festa. “Sempre foi. A festa era toda dele, comida, roupa, tudo. Não tinha isso com prefeitura.” (Entrevistado 1)

Os reis e rainhas, com seus trajes, atravessam a cidade. O rei sai de sua casa e vai em busca da rainha em sua residência, junto do cortejo dos ternos chegam à praça para transferirem a coroa às majestades do próximo ano, no qual, hoje, é preciso inscrever o nome para ser selecionado.

É só dar o nome, antigamente era aqui em casa, depois que meu pai faleceu a prefeitura assumiu, tudo está por conta da prefeitura, o prefeito está querendo tirar agora. Quer que tenha a comissão conforme tinha antigamente. Era a comissão, que ali era tudo dividido, cada um trabalhava para ter uma boa festa, reuniões antecipadas para fazer a festa, é o que o prefeito quer (Entrevistado 1).

7.6 Mudança na estrutura

Mediante processo de assimilação com as práticas globalizadas, a tradicional manifestação perdeu muito de suas expressividades ao longo dos anos. Isso porque após ser comandada pelos órgãos públicos, o capital se tornou mais importante do que a própria manifestação em si.

Antigamente quem realizava a festa eram as majestades, que faziam eventos para arrecadar fundos para trazer ternos de cidades vizinhas, o seu almoço, e poder fazer um som na praça, o que ocorria num palanque. Hoje, a festa é mais procurada não pela tradição e sim pelo espetáculo que é proporcionado para o público.

O palco e suas atrações, as barracas de vestimentas e o alto índice de barracas de bebidas alcóolicas fizeram com que a festa popular se tornasse uma festa de massa, voltada ao entretenimento e não à valorização e respeito às culturas.

Deixou de ser Congo mesmo, pode ver, é festa, a festa profana da cidade virou a congada. Porque hoje tem festa de banda, tem música ao vivo, antigamente não tinha, era só Congo. Não tinha isso. O som era jogado longe da cidade para você ouvir o som, mas depois do Congo. Hoje é só festa de banda (Entrevistado 1)

Muito do que foi mudado é percebido pelas pessoas que estão *in loco* prestigiando a festa. As famosas embaixadas¹⁰, há muitos anos não são realizadas. Tradições como as *floristas*¹¹ não são mais feitas pelos grupos congadeiros. A festa se restringiu a proporcionar

¹⁰ Representação da Luta de Carlos Magno contra as Invasões Mouras. No contexto em Jesuânia, seria um teatro.

¹¹ As floristas ajudavam na festa. Levavam ramalhetes de flores.

mais espetáculo do que compreensão. E diante desse processo, o risco dessa tradicional cultura perder sua raiz é muito grande.

8 O DOCUMENTÁRIO COMO FORMA DE REGISTRO E PRESERVAÇÃO DA TRADIÇÃO

A opinião deve ser um aspecto utilizado no jornalismo, mas que deveria ser explorada não pelos editores e sim pelos leitores desses veículos. O próprio indivíduo interpretante tem a capacidade de observar e questionar. Assim deve ser o jornalismo, explorando a divulgação da maneira mais fiel, possibilitando ao leitor tirar suas próprias conclusões.

Para simbolizar essa tradicional manifestação, através da categoria interpretativa do jornalismo, o documentário será o formato utilizado para mostrar, possivelmente da maneira mais fiel o acontecimento. O documentário apresenta um aspecto subjetivo do autor, um olhar do que foi presenciado pelo próprio, em virtude disso, a investigação e a interpretação deverão caminhar juntas para que o receptor possa formular sua própria opinião. “[...] jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum” (BELTRÃO, 1963 apud HOHLFELDT, 2001, p. 38).

Para definirmos documentário, é preciso pensar em duas categorias, a de satisfação de desejos, que é mais conhecido como o de documentário de ficção que mostram uma realidade, muitas vezes, fabricada.

Os documentários de satisfação de desejos são os que normalmente chamamos de ficção. Esses filmes expressam de forma tangível nossos desejos e sonhos, nossos pesadelos e terrores. Tornam concretos – visíveis e audíveis – os frutos da imaginação. Expressam aquilo que desejamos, ou tememos, que a realidade seja ou possa vir a ser. Tais filmes transmitem verdades, se assim quisermos. São filmes cujas verdades, ideias e pontos de vista podemos adotar como nossos ou rejeitar (NICHOLS, 2010, p. 26).

Já os de representação social, são os documentários que retratam a sociedade em si. Representa como as culturas agem num local, como são destinadas as várias atitudes cotidianas, que pode abordar todos os aspectos de maneira específica. “Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos” (NICHOLS, 2010, p. 26).

Preservar uma tradição é possibilitar novas interpretações. É situar o telespectador que algo existe e não pode se manter calado diante dos processos de assimilação cultural. Esse registro é uma representação de um mundo social que apresenta manifestações artísticas que necessitam ser preservadas por estarem presentes na história cultural brasileira.

Se o documentário fosse uma *reprodução* da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma *representação* do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares (NICHOLS, 2010, p. 47, grifo do autor).

Deve-se ter cuidado principalmente ao utilizar os personagens, não os tornando atores sociais, mas sim deixando que eles representem a sua própria realidade.

O Congado é realizado em vários pontos do Brasil miscigenado, e revela valores e aspectos simbólicos característicos das comunidades que o realizam, bem como informações históricas a respeito da formação e evolução da religiosidade e dos aspectos culturais e geosimbólicos, em várias regiões do país. Assim, é crucial que ele seja registrado e preservado, ação essa que deve ser realizada por instituições ligadas ao Poder Público e representantes da sociedade civil (BRETAS; FROTA, 2012, p. 40).

Para tal registro o modo observativo será o modo de representação predominante no documentário em voga. Por ser tratar de aspectos socioculturais, é o modo ideal para se transmitir as ideias ou mobilizar sobre aquele acontecimento. “O modo observativo propõe uma série de considerações éticas que incluem o ato de observar os outros se ocupando de seus afazeres” (NICHOLS, 2010, p. 148).

Contudo, os documentários têm a liberdade de integrar aspectos tanto poéticos, como expositivos. “O documentário de questões sociais iria se harmonizar com o modo expositivo e com um momento anterior do documentário, ao passo que o retrato pessoal se harmonizaria com os modos observativo ou participativo e com debates contemporâneos sobre a política de identidade” (NICHOLS, 2010, p. 205).

Após os relatos de como são destinados a produção do documentário e a sua relação com a preservação de uma cultura, para resguardar a história local é preciso observar isso no processo de produção do documentário em Jesuânia.

9 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO DA FESTA DO CONGADO EM JESUÂNIA

O processo de criação de um documentário passa por algumas etapas: a criação de um roteiro, a pré-produção, produção e pós-produção. Cada aspecto possibilita ao diretor transformar e modificar o seu documentário da maneira que deseja transmitir a sua mensagem.

A análise de um roteiro permite, entre outras coisas, dinamizar e encurtar o período de filmagem, ao permitir que as filmagens feitas em um determinado cenário, ou *set*, possam ser feitas de uma só vez, sem a obrigação de se seguir a ordem em que as cenas aparecem no roteiro (PUCCINI, 2009, p. 174, grifo do autor).

Como se trata de um evento autônomo, foi preciso definir o roteiro antes mesmo da celebração da tradição da Congada. Como dito no capítulo da origem e desenvolvimento da congada no Brasil, a tradicional manifestação ocorre entre os dias do mês de junho e julho.

[...] *eventos autônomos* entendemos todo e qualquer evento que ocorra de forma independente à vontade de produção do filme, de maneira não controlada pelo filme, o que inclui manifestações populares, cerimônias oficiais, tragédias naturais, eventos esportivos, etc (PUCCINI, 2009, p. 187, grifo do autor).

O documentário sobre a Congada apresentará algumas características dos modos poéticos, expositivos e observativos, sendo no seu contexto geral, o modo observativo. O modo poético será utilizado para recorrer a uma poesia¹² sobre a Congada, que será narrada pela professora e escritora Benedita Reis, da cidade de Jesuânia.

E toda a trilha musical do documentário será composta, tanto nas imagens dos ternos de congada desfilando pela cidade, e nos momentos das narrativas com som ambiente. “A *trilha musical* tanto pode ser obtida em material de arquivo, trilha musical compilada, como ser composta exclusivamente para o documentário, trilha musical original” (PUCCINI, 2009, p. 188, grifo do autor).

9.1 Roteiro

O roteiro de um documentário aborda questões de tempo, vídeo e áudio que se relacionam em todo o processo de pós-produção das imagens. Essas relações fazem com que as sonoras e as imagens possam conduzir ao entendimento da mensagem que pretende ser

¹² Ver anexo.

passada. Abaixo é possível observar a estruturação do roteiro para o produto final desta pesquisa.

Quadro 1 – Roteiro documentário.

Tempo	Vídeo	Áudio
00:05:09	Tela preta com escrito: um filme de Douglas Antônio de Pádua	Som do trecho de uma das músicas cantadas. Citação Tião Grilo
00:15:03	Imagem da igreja do Rosário apresentando o Nome do documentário “Congada do culto à festa”	Sino de igreja
00:24:08	Imagem dos personagens Cida Vita, Célia Marcelino e Tião Grilo falando sobre a congada e a trajetória em Jesuânia.	Áudio Depoimento
01:38:24	Momento em que explora a história de nossa senhora do Rosário, São Pedro e São João Batista no contexto da Congada em Jesuânia. Apresentando imagens da igreja e dos santos.	Áudio Depoimento Cida Vita
02:35:20	Momento em que vai falar sobre a preparação da festa. Imagem entrevista com Cida Vita e imagem da preparação do lanche.	Áudio Depoimento Cida Vita. Abordar a questão dele ficar um ano na casa da família e falar sobre o lanche que é dado no dia.
03:57:21	Momento em que fala sobre o mastro de São Pedro. Depoimento Célia Marcelino e Cida Vita. Abordar em imagens a benção, o terço, a chegada dos ternos e a saída até a praça do rosário e a subida do terno.	Áudio Depoimento Cida Vita e Célia Marcelino Áudio ambiente.
09:49:20	Falar sobre os shows. Imagem Cida Vita, Célia Marcelino e Tião Grilo. Mostrar imagens do palco e do público.	Áudio depoimento e som ambiente
11:05:18	Falar do desfile. Imagens entrevista Célia Marcelino. Mostrar imagens do desfile.	Áudio depoimento e som ambiente.

12:14:15	Falar do reinado em 2017. Célia Marcelino.	Áudio Célia Marcelino.
13:48:03	Mostrar imagens do cortejo até a troca de coroas.	Som ambiente
15:20:21	Abordar a descida do mastro. Terço e descida. Finalizar com a imagem da igreja e o povo indo levar o mastro.	Som ambiente
17:19:05	Mudança na estrutura da festividade. Imagens da entrevista com Cida Vita, Célia Marcelino e Tião Grilo	Áudio depoimento e som dos ternos
20:05:05	Finalizar com imagem do reis e rainhas mostrando o local de onde saíram esse ano em direção à praça com imagens da cidade.	Sonora trecho poesia Com som do terno
20:17:10	Créditos	Som do terno.

Fonte: Douglas Antônio de Pádua da Silva

Após a finalização de um roteiro é possível observar a relação da pesquisa com o produto final. Reforçando a ideia de que a festa modificou pelo roteiro e pelas imagens do vídeo, agora pode-se observar as considerações finais em relação à toda a pesquisa.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por um longo período, as manifestações culturais tiveram espaço para as suas apresentações, representado da maneira mais fiel uma situação que lhes foi transmitida durante os anos pelo seu grupo social mais próximo. Essas formas de expressão, de agir, práticas cotidianas, são conhecidas como cultura e são importantes para o estudo e preservação de uma história local e nacional.

Torna-se oportuno dizer que a hipótese do cenário capitalista mercantilizar as tradições se tornaram mais visíveis. Com as grandes revoluções e as distribuições de novas formas de cultura, tornou-se um grande desafio manter as representatividades dessas culturas nas regiões.

A Congada de Jesuânia está deixando de representar suas características culturais populares e está se transformando numa festa populesca, na qual o alto índice de entretenimento está sendo imposto em cima da sua história e da sua narrativa histórica. Isso modifica as questões de identidade e a sua importância para o município e para o Brasil, porque as identidades desses grupos são compostas, e foram criadas, através dessas práticas cotidianas do Congo, o que resguarda a história dessa cultura no país.

Pode-se afirmar que, se medidas cabíveis não forem tomadas a tempo, se o valor histórico e cultural não for entendido pelos moradores e, principalmente, pela comissão que agora organiza a tradicional Festa das Congadas, essa manifestação aos poucos vai deixar de existir na cidade, pois os congadeiros mais influentes e mais importantes já apresentam uma idade avançada e não há mais a passagem de história para as crianças das famílias da maneira que ocorria antes, quando a história era transmitida de forma oral e representada através da dança, do cântico, dos louvores, das alvoradas e embaixadas.

Este relatório é apenas um recorte de toda a imensidão que a festividade representa. Novos estudos e novas abordagens são importantes para resguardar a história de um local, diante disso, um estudo como esse demanda maior aprofundamento das particularidades da festa e com isso novos modos de exibição e abordagem, como documentários e publicações em livros. É o que se pode esperar de trabalhos que visam resguardar a história de um local, analisando as formas como são criadas as identidades dos participantes dessa tradicional manifestação.

Conclui-se que a alta participação política em comandar a organização da festa é um dos requisitos que faz com que a manifestação se torne cada vez mais aberta a questões econômicas do que culturais. O dever político deveria ser preservar a manifestação, a fim de

que possa livremente se apresentar. Mas o capitalismo tornou e transformou a Congada da cidade de Jesuânia em festa, deixando para trás toda uma carga história e simbólica de um momento vivido no passado.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 412p.
- BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira: temas e situações**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003. 224p.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2006. 80p.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. 9. ed. Petrópolis: Vozes Ltda, 1972. 188p.
- BRETTAS, Aline Pinheiro; FROTA, Maria Guiomar da Cunha. O registro do Congado como instrumento de preservação do patrimônio mineiro: Novas possibilidades. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio**, Rio de Janeiro, 2012.
- CUNHA, Raquel Cantarelli Viena da. **Os conceitos de cultura e a comunicação em Raymond Williams**. Dissertação Mestrado em comunicação. UNB, 2000. 109p.
- DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004, 168p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **Jesuânia**. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/jesuania/historico>> Acesso em: 24 set. 2017.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002. 117p
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 172p.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 277p.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **Histórias das Teorias da Comunicação**. Tradução Luiz Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 227p.
- MELO, José Marques de. Introdução. In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 7-21.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. 5.ed. Campinas, SP: Papirus, 2010. 272p.

PAIVA, Márcia Perez de Vilhena; RICCI, Fabio; OLIVEIRA, Adriana Leônidas de. Perda da identidade cultural e massificação dos hábitos e costumes provocados pela globalização. **XVI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e XII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba**, São José dos Campos, 2012. 6p.

PIMENTEL, Marina Ramos. **As mudanças no jornalismo cultural**. 2012. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed720_as_mudancas_no_jornalismo_cultural/> Acesso em: 28 ago. 2017.

PUCCINI, Sérgio. Introdução ao roteiro de Documentário. **Doc On-line**, n. 06, ago, 2009. 173-190p.

REIS, Benedita Aparecida de Oliveira. **Balaio de versos**. Pouso Alegre, MG: Gráfica Amaral Embalagens e Editora Ltda, 2010. 45p.

SANTINELLO, Jamile. A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 12, n. 28, p. 153-159, maio/ago, 2011. 153-159p.

SANTOS, Carlos Roberto Moreira dos. **Congada e reinado**: história religiosa da irmandade negra em Jequitibá, MG. [S. l.]: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais: Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, 2011. 134p.

SILVA, Carolina Carteli da. **Festa ou devoção?** Heranças imateriais da congada em diferentes regiões do Brasil, 2012. 64p.

SILVA, Renata Nogueira da. **A festa da Congada**: a tradição ressignificada, 2014. 13p.

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS. **Festa do rosário**. [1998?]. Disponível em: <http://www.unicamp.br/folclore/folc6/festa_rosario.html> Acesso em: 01 nov. 2017.

ANEXOS A

ATA DE REUNIÃO
 ***** CONGADAS / 86 *****

DATA: 27/04/86 - 13:30hs.

1-PROGRAMAÇÃO DA FESTA:

1.1-Programação Religiosa:

- a) Realização de uma novena a cargo da congregação com início na quinta-feira (19/06/86)
- b) Fazer orçamento para pintura externa da Igreja do Rosário.
Responsável: Sr. Rídica.
- c) Havendo a permissão do vigário Monsenhor Fausto poderia celebrar Missa e Procissão / no sábado dia 28/06/86, pelo Padre Francisco de Heliodora.
(Sugestão da Sta. Cida).

1.2-Data de início dos ensaios: 14/06/86.

1.3-Levantamento do Mastro:

Ficou decidido por unanimidade a antecipação do levantamento para o 1º sábado anterior à Festa (dia 21/06/86)

1.4-Promoções para quinta-feira:

- a) Funcionamento da Barraca do Rei e Rainha.
- b) Promoção de um Furrô na Praça do Rosário (Dona Heleninha fará o convite aos Músicos).
- c) Quadrilha organizada pela Sta. Cida.
- d) Opção de convidar duplas sertanejas com realização de concurso entre elas, com prêmio para a vencedora (sugestão do Sr. Mauro Noronha)

1.5-Horário de entrega das Coroas: Domingo dia 29/06/86, às 17:30 hs.

obs. Caso o jogo final da Copa do Mundo não tenha a participação do Brasil, o cortejo / deverá se iniciar às 16:00 hs. (Não constará no programa da Festa)

1.6-Convitados de Honra das CONGADAS/86: Tio Domingos e Sr. Geraldo Carrinho.

2-TERNOS CONVIDADOS:

Lambari (4 ternos), São Lourenço, São Gonçalo, Monsenhor Fausto, Santo Antônio do Monte, Lorena, Heliodora, Bonassucesso, Liberdade e Cambuquira.

obs. Meta para participação de 10 ternos no dia 29.

3-CONVITE DOS TERNOS VISITANTES:

Responsáveis: Sr. Américo G. de Castro (Ternos de Heliodora e São Gonçalo) e Sra. Mauro Noronha e Nequinho (Demais ternos).

Prazo: Dentro de 15 dias os responsáveis já terão uma definição dos ternos participantes.

4-RECEÇÃO DOS TERNOS VISITANTES:

Responsável: Sr. Onico Machado.

A data e horário de chegada dos ternos visitantes será definida após contacto o/os mesmos.

5-ALOJAMENTO E JANTAR NO SÁBADO:

5.1-A cozinha da Festa deve funcionar no sábado (28/06) para o jantar dos ternos visitantes que chegarão no sábado.

5.2-Alojamento:

Responsável: Sr. Mauro Noronha como 1ª opção - alojamento em Lambari.
Como 2ª opção - conseguir a casa Cícero emprestada.

6-TRANSPORTE DOS TERNOS:

6.1-Conseguir ajuda dos Prefeitos vizinhos (Srs. Américo e Mauro farão os contactos).

6.2-Sr. Nequinho será o responsável por toda coordenação e autorização de transportes locais de Fusta, com a utilização de um impresso próprio para controle.

7-COORDENAÇÃO DOS ALIMENTOS PARA COZINHA:

Responsável: Sr. José Amaro

Deverá ser elaborada uma lista de necessidades e orçamento com antecedência da Festa.

Anexo 1. Ata de reunião.

ANEXO B

(CONTINUAÇÃO DA ATA DE REUNIÃO COMISSÃO/86)

8-COORDENAÇÃO DOS UTENSÍLIOS E MATERIAIS DE COZINHA:

Responsável: Sr. Lázaro Rios (Nem)
Deverá também ser elaborada uma lista de necessidades com antecedência da Festa.

9-COZINHA:

Responsáveis: Sr. Isaac Sales e Dona Biela.
Local: Prédio da Prefeitura Municipal.
Funcionamento: Sábado a noite e domingo.
Obs. Deverá ser definido um responsável pela portaria da cozinha (sugestão da Dona Biela).

10-ORNAMENTAÇÃO DAS RUAS:

Responsáveis: Srs. Lázaro Rios e Niduca, Participação: Grupo Juven.
-A iluminação deverá ser conseguida com o Sr. Prefeito de Lambari pelos Srs. Mauro Maranhão e Neginho.
-As bandeirinhas deverão ser cedidas pelo Sr. Neginho.

11-MONTAGEM E ORNAMENTAÇÃO DO PALANQUE:

Responsáveis: Srs. Arildo F. de Faria e Luiz Sérgio Rodrigues.
-Deverá ser ampliado o Palanque, colocar escadas de acesso e melhorar iluminação e ornamentação do mesmo.

12-FOGOS DE ARTIFÍCIO:

Responsável: Dr. José Faria Neto
Local: Realizar o espetáculo pirotécnico na Praça durante o retorno do cortejo.
-Dona Heleninha poderá auxiliar na indicação da equipe para realização do espetáculo.

13-ORNAMENTAÇÃO DO CARRO:

Responsáveis: Dona Heleninha e Srs. Mãos do Rei e Rainha.
-Deverá ser utilizada um carruagem puxada por cavalos com guarda montada à frente.

14-SERVIÇOS DE AFÓJO DA PREFEITURA:

- 14.1-Segurança
- 14.2-Aparelhagem de som e serviço de auto-falante.
- 14.3-Controle de rua para montagem das barracas.
- 14.4-Montagem da barraca do Rei e Rainha.
- 14.5-Verba para compra de instrumentos dos turnos locais.

15-RECURSOS FINANCIEROS PARA A FESTA:

- 15.1-Rifa.
 - 15.2-Promoção de Bailes (dias 26/04/86 e 29/05/86)
 - 15.3-Barraca do Rei e Rainha.
 - 15.4-Listas.
 - 15.5-Leilão de gado com promoção de Hipismo e funcionamento de um restaurante com churrasco no local da Festa.
- Coordenador: Dr. Nelson Naranho Barletta
Colaboradores: Sr. Getúlio Gorgulho e demais membros do Club do Cavalo.
Local: Área destinada a construção da Rodoviária.
Data: A ser definida pelo coordenador e colaboradores.

A COMISSÃO.

Anexo 2. Ata de reunião.

ANEXO C



Câmara Municipal de Jesuânia
Estado de Minas Gerais

LEI N.º 1.188/2005 DE 05 DE JULHO DE 2005.

"DISPÕE SOBRE A ORGANIZAÇÃO DAS FESTAS DE CONGADAS NO MUNICÍPIO DE JESUÂNIA".

Faço saber que o Poder Legislativo do Município de Jesuânia, aprovou e eu, Presidente da Câmara, em vista da sanção íntica da Prefeita Municipal, e nos termos do §5º 1º e 8º do artigo 77 da Lei Orgânica Municipal, promulgo a seguinte lei:

Capítulo I
DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º - As tradicionais festas anuais de congadas, realizadas no município de Jesuânia, serão organizadas nos termos da presente lei.

Art. 2º - As festas terão início no mês de junho de cada ano, com o hasteamento do mastro e a apresentação dos ternos de congadas, no local costumeiro.

Parágrafo único - As festas terão duração de 10 (dez) dias, iniciando após o hasteamento do mastro.

Capítulo II
DA COMISSÃO ORGANIZADORA

Art. 3º - A preparação e a coordenação da festa ficará a cargo de uma Comissão Organizadora, que será composta pelos seguintes membros:

- I - Presidente: responsável pela coordenação geral da festa;
- II - Vice-Presidente: encarregado de auxiliar o presidente e de substituí-lo, quando não puder exercer sua função;
- III - Tesoureiro: responsável pela arrecadação de doações e outras rendas em prol das festividades, e pela movimentação financeira;
- IV - Secretário de Decoração: responsável pela ornamentação e iluminação do espaço da festa (ruas, barracas e palco);
- V - Secretário de Segurança: encarregado de solicitar o apoio das Polícias Civil e Militar, auxiliar no trabalho das mesmas e indicar a contratação de segurança particular, se for necessário;
- VI - Secretário de Vestes e Contratação de Ternos: responsável pelas vestes dos ternos de congada locais e pela realização de contatos e convites para ternos de outras cidades ou Estados;
- VII - Secretário de Alimentação e Acomodação: encarregado de prover alimentação e acomodação para os membros dos ternos dançantes provenientes de outras cidades;
- VIII - Secretário de Limpeza, Higiene e Eletrificação das Barracas: responsável pela coordenação da retirada de lixo nos dias das festividades, assim como pela contratação de banheiros móveis e fiscalização da higiene de banheiros públicos

ANEXO D



Câmara Municipal de Jesuânia

Estado de Minas Gerais

locais destinados ao uso da festa, tudo isso podendo ser realizado por meios próprios ou mediante requisição à Prefeitura Municipal.

IX - Secretário de Promoção Artística: responsável pela contratação de bandas, shows e eventos, e encarregado de providenciar aos respectivos integrantes alimentação e acomodação, podendo a referida contratação ser feita diretamente, a conta em receita arrecadada com a festa, ou pela Prefeitura Municipal, caso haja disponibilidade para tal

§ 1º - O presidente e o vice-presidente da comissão organizadora serão indicados pelo(a) prefeito(a), pelo menos 30 (trinta) dias antes do início da festa.

§ 2º - Aceitando a indicação, o presidente poderá escolher os demais membros da comissão.

§ 3º - Todos os membros da comissão atuarão como voluntários, sem fazer jus a qualquer remuneração.

§ 4º - Ficam proibidas de integrar a comissão organizadora as pessoas ligadas ao(a) prefeito(a) municipal, bem como ao rei ou à rainha da festa, por matrimônio ou parentesco, afim ou consanguíneo, até o segundo grau.

Capítulo III DA PARTICIPAÇÃO DO MUNICÍPIO

Art. 4º - Deverá a Prefeitura Municipal oferecer todo o auxílio possível para a realização das festas de congadas, visando à valorização desta manifestação cultural do município e o incentivo à participação da população e ao recebimento de visitantes.

Art. 5º - Cabem à Prefeitura Municipal as seguintes responsabilidades:

I - Disponibilizar recursos humanos e materiais para a organização da festa, montagem da estrutura necessária e limpeza;

II - Promover a contratação de grupos artísticos, sonorização, segurança particular, banheiros móveis e outros serviços de infra-estrutura, dentro de suas possibilidades financeiras e orçamentárias;

III - Promover a inclusão da festa no calendário turístico do município e do Estado, e divulgá-la em meios de comunicação, visando à atração de turistas e apreciadores desta manifestação cultural.

Capítulo IV DAS BARRACAS

Art. 6º - Os interessados na exploração de barracas durante a festa deverão apresentar requerimento perante a Prefeitura, para fins de licenciamento, nos termos da legislação tributária e sanitária do município.

Art. 7º - Caberá à comissão organizadora elaborar um mapa, com indicação da quantidade e da localização das barracas ao longo da cidade, o qual deverá ser obedecido rigorosamente pela Prefeitura na concessão das licenças.

Art. 8º - Fica reservada uma barraca, em posição de destaque no espaço da festa, no local costumeiro, para abrigar o rei e a rainha da congada ("barraca do rei e da rainha"), cuja montagem e exploração ficará a cargo da comissão organizadora da festa.

ANEXO E



Câmara Municipal de Jesuânia

Estado de Minas Gerais

§ 1º - A comissão poderá ceder para terceiros a exploração da barraca de que trata este artigo, mediante pagamento de retribuição, vencendo aquele que oferecer o maior valor e se comprometer a atender as condições estabelecidas pela comissão.

§ 2º - A escolha do cessionário deverá ser feita mediante apresentação de propostas em envelopes lacrados, para cuja abertura e julgamento deverá a comissão organizadora convidar os membros da Comissão de Licitações da Prefeitura.

Art. 9º - As barracas somente poderão permanecer montadas durante os 10 (dez) dias de realização da festa, devendo ser desmontadas impreterivelmente no dia seguinte ao término da mesma.

Art. 10 - É proibida a colocação de barracas em propriedades particulares sem a expressa concordância da comissão organizadora.

Art. 11 - A montagem de barracas em propriedades particulares, nos termos do artigo anterior, bem como a cessão da barraca de que trata o artigo 8º, deverão ser devidamente licenciadas pela Prefeitura, nos termos do artigo 6º.

Capítulo V DA COROA DOS FESTEIROS

Art. 12 - O rei e a rainha da festa serão escolhidos em cada ano, para o subsequente, observando as seguintes regras:

I - a escolha será feita através de sorteio, a ser realizado no último dia da festa, no local costumeiro, quando será feita a entrega das coroas, caso os sorteados estejam presentes;

II - o rei e a rainha deverão pertencer a famílias diferentes e deverão residir no município;

III - as inscrições de interessados deverão ser feitas no prazo definido pela comissão organizadora, na sede da Prefeitura, à qual caberá também fazer a divulgação da abertura das inscrições, para conhecimento dos interessados;

IV - somente será aceita a inscrição em conjunto do rei e da rainha, mediante manifestação das respectivas famílias.

Capítulo VI DO MOVIMENTO FINANCEIRO

Art. 13 - A comissão organizadora poderá receber doações e auferir outras rendas, as quais serão empregadas integralmente no pagamento de despesas com a organização e realização da festa.

Art. 14 - Cabe ao presidente da comissão organizadora, em conjunto com o tesoureiro, abrir uma conta bancária, na qual serão depositados todos os valores arrecadados.

Art. 15 - No prazo de 10 (dez) dias após a realização da festa, caberá ao tesoureiro elaborar um balancete discriminando todas as receitas arrecadadas e as despesas realizadas pela comissão.

Parágrafo único - O balancete deverá ser entregue à Prefeitura e à Câmara Municipal, e divulgado amplamente na comunidade, através de afixação em locais públicos.

ANEXO F



Câmara Municipal de Jesuânia

Estado de Minas Gerais

Art. 16 - O saldo financeiro que restar na conta, após o pagamento de todas as despesas, será entregue à Prefeitura Municipal, a título de doação, como forma de compensação pelo apoio e pelos gastos realizados pelo município.

Parágrafo único - Após a transferência do saldo, a conta bancária aberta pela comissão será encerrada.

Capítulo VII DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 17 - O município deverá incentivar a organização e a integração dos grupos de congada locais, visando à constituição de uma associação civil com a finalidade de promover a preservação e a valorização desta manifestação cultural.

Parágrafo único - À associação de que trata este artigo, quando criada, poderão ser transferidas, a critério da Prefeitura Municipal, todas as responsabilidades atribuídas por esta lei à comissão organizadora da festa.

Art. 18 - Fica proibida aos ambulantes e aos comerciantes estabelecidos, no perímetro de realização da festa, a utilização de copos de vidro e a comercialização de garrafas de vidro durante os dias das festividades.

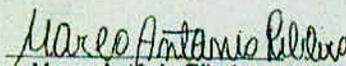
Art. 19 - No primeiro ano de vigência desta lei prevalecerão o rei e a rainha escolhidos na festa anterior.

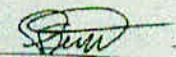
Art. 20 - No primeiro ano de vigência desta lei a constituição da comissão de que trata o art. 3º ocorrerá no prazo de uma semana a contar da promulgação deste ato, caso já se tenha ultrapassado o prazo previsto no § 1º do citado artigo.

Art. 21 - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

MANDO portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e a execução desta Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.

Jesuânia, 05 de julho de 2005.


Marco Antônio Ribeiro
Presidente da Câmara


Paulo Sérgio
Vice-Presidente

Registrada e publicada nesta Secretaria da Câmara Municipal de Jesuânia, aos 06(seis) dias do mês de julho de 2005.

ANEXO G

Rosário das Congadas

Do Rosário a tradição
 Perpetua a liberdade
 A coragem...
 A bênção...
 O enredo...
 O folgado...
 Das batucadas
 Inspiram cantos e prantos
 Melancólicos...
 Eufóricos...
 Sons...
 Sabores...
 Odores...
 A canção não tem fim...
 É grito...
 É eco...
 Sussurros saudosos...
 Onde reis
 Rainhas e princesas
 Em áureas embaixadas
 Erguem suas espadas
 Reluzentes...
 Imponentes...
 É festa...
 É alegria...
 Enfim chegou
 Após longa espera
 Em grandeza se supera

É frio...
 É fogo...
 É fogueira...
 É fato...
 É mastro...
 São Pedro e São Paulo
 Isabel é a princesa
 Pois tamanha sua realeza
 Que na sublime assinatura
 Tira o negro
 Da triste escravatura
 E acontece...
 São as Congadas!
 A cidade acolhe
 De mil em mil
 Aconchegos...
 Chamegos...
 Beijos...
 Abraços...
 Alegrias...
 Contatos...
 É festa!
 São congadas!
 Congadeiros!
 É nosso povo mineiro!
 É festa!
 É um pedaço desse Brasil!

Anexo 7. Poesia do Livro *Balaio de Versos*.